

ANTRO
PO
LOGIA
Portuguesa

Vol. 2 • 1984

Instituto de Antropologia — Universidade de Coimbra

Antropologia Geral. Tópicos para um programa

M. L. RODRIGUES DE AREIA

Instituto de Antropologia
Universidade de Coimbra

Resumo:

Remetendo o ensino da Antropologia para o contexto científico da criação da cadeira há cem anos em Coimbra com a designação de «Antropologia, Paleontologia Humana e Arqueologia Pré-Histórica», fica definido de modo explícito o conteúdo e a razão de ser de uma cadeira introdutória à Antropologia. As diferentes especializações (que urge desenvolver) não deveriam comprometer a perspectiva global.

Palavras-chave:

Antropologia; Antropologia Física; Antropologia Cultural.

Résumé:

Le retour au contexte scientifique de la création de la chaire d'Anthropologie à Coimbra met en évidence les avantages de l'orientation initiale marquée par la désignation du cours: «Anthropologie, Paléontologie Humaine et Archéologie Pré-Historique»; les éventuelles spécialisations (qu'il faut multiplier) ne devraient jamais compromettre la perspective globale qui caractérise l'Anthropologie.

Mots-clés:

Anthropologie; Anthropologie Physique; Anthropologie Culturelle.

I — INTRODUÇÃO

1. Pode dizer-se que a Antropologia começou com a curiosidade pela diferença. O Homem, de todos os tempos, teve curiosidade pelas diferenças do seu semelhante. Essa curiosidade intensificou-se, quando as circunstâncias permitiram pôr a descoberto diferenças mais evidentes. Isso aconteceu, particular-

mente, com as descobertas e, posteriormente, com os relatos de viagens dos grandes exploradores. Num caso e noutro o europeu foi confrontado com grupos humanos bem diferentes, tanto no aspecto físico como no cultural.

Esta descoberta do «homem plural» (as diferenças físicas fizeram pensar em várias humanidades) é acompanhada pela recolha e exposição das chamadas «curiosidades exóticas», isto é, conjunto de objectos estranhos à cultura europeia e trazidas de populações ditas «primitivas». São estas colecções que estão na origem dos museus etnográficos.

A ciência antropológica inicia-se quando estas diferenças físicas e culturais começam a ser analisadas metodicamente, isto é, quantificadas, comparadas, classificadas.

O aparecimento de fósseis sucessivos a partir do crânio de Neanderthal (1856) faz, por outro lado, surgir a ideia de um encadeamento de espécies a partir das quais emerge logicamente o Homem no grupo dos Primatas ⁽¹⁾. As diferenças notórias entre o Homem actual e o «Homo neanderthalensis», então postas em evidência por técnicas de mensuração mais aperfeiçoadas, sugerem, igualmente, que o «Homo sapiens» não seria mais do que um elo actual de uma das várias cadeias de antepassados humanos e pré-humanos ⁽²⁾.

Os estudiosos da nova ciência, cada vez mais numerosos, agrupam-se em associações antropológicas a nível nacional. Surgem os primeiros núcleos de investigadores: a Antropologia torna-se ciência. A cadeira de Antropologia é, assim, introduzida em diversas universidades.

2. A cadeira de Antropologia Geral tem vindo a manter características de cadeira introdutória ao ensino da Antropologia, desde quase há cem anos, quando foi criada na Universidade de Coimbra (1885) com o nome de «Antropologia, Paleontologia Humana e Arqueologia Pré-Histórica».

Uma breve retrospectiva sobre o ensino da Antropologia, desde então, dá-nos conta, por um lado, da modernidade na orientação do seu programa (de há 100 anos) e, por outro, do modesto incremento que esta área do conhecimento tem tido entre nós por condicionalismos de natureza diversa.

Reportando-nos à criação da cadeira de «Antropologia, Paleontologia Humana e Arqueologia Pré-Histórica» (Julho de 1885) e aos tópicos dos programas dessa época verificamos que o ensino da Antropologia na Universidade de Coimbra nasce num contexto de História Natural, numa faculdade de «Philosophia Natural» em ligação com um «Gabinete de Antropologia» que incentivava a recolha e o estudo de colecções, tanto de Antropologia Física como de Antropologia Cultural.

⁽¹⁾ *Anthropologie* — Encyclopædia Universalis, France, Vol. 2, 1968, p. 52.

⁽²⁾ *Idem*.

As matérias ensinadas, de acordo com os primeiros programas publicados, agrupavam-se em duas secções: uma de Antropologia e outra de Arqueologia Pré-Histórica. A primeira secção (Antropologia) subdividia-se ainda em Antropologia Zoológica — voltada para o estudo dos Primatas — e em Antropologia Geral, esta incidindo mais no estudo da osteologia comparada ⁽³⁾. De notar que o programa relativo à secção de Antropologia Geral compreendia ainda (além dos caracteres métricos do Homem) o estudo dos «caracteres fisiológicos, os caracteres psíquicos, o progresso intelectual, as crenças, etc.» ⁽⁴⁾.

O ensino da «Antropologia Geral» era ainda complementado (a partir de 1911) com um curso livre de Etnografia Colonial que utilizava e enriquecia as valiosas colecções etnográficas que no Museu do Instituto de Antropologia existiam, relativas a povos da Amazónia e das colónias ⁽⁵⁾.

Curiosamente, esta Antropologia global (envolvendo os aspectos físicos e culturais do Homem) parece ter estado subjacente à ideia do próprio fundador da cadeira de Antropologia, Bernardino Machado, que alguns anos mais tarde viria a criar, desta vez em Lisboa, o Museu Etnográfico Português ⁽⁶⁾.

Verifica-se que desde o início a cadeira de Antropologia teve uma orientação programática voltada quer para o que, posteriormente, veio a designar-se por Antropologia Física (e este foi o aspecto mais desenvolvido no Instituto de Antropologia) quer para as matérias mais tarde agrupadas sob a designação de Antropologia Cultural, Etnologia, Etnografia, Arqueologia Pré-Histórica, etc. ⁽⁷⁾. Esta mesma orientação geral do programa ressaltava ainda do conjunto de publicações feitas por docentes e investigadores da época, tanto em Coimbra como em Lisboa e Porto, em que ao lado dos numerosos estudos de antropometria aparecem também valiosos trabalhos de Antropologia Cultural ⁽⁸⁾.

A evolução posterior da Antropologia em Portugal, como noutros países, levou à progressiva separação do ensino das matérias antropológicas acentuando cada vez mais a dicotomia Antropologia Física/Antropologia Cultural. Esta separação acabaria mesmo por cristalizar-se remetendo para sectores distintos da instituição universitária (em geral faculdades distintas) os dois ramos do ensino antropológico.

Após um longo percurso, em que as disciplinas de Antropologia Física e Antropologia Cultural pareciam definitivamente divorciadas, verifica-se que o próprio desenvolvimento da investigação antropológica, nomeadamente na área da Antropologia Física (sucessivamente designada por Biologia Humana, Antropologia Biológica, Antropobiologia), exigiu que os antropólogos físicos se voltas-

⁽³⁾ TAMAGNINI, E.; SERRA, J. A. — 1942, p. 6.

⁽⁴⁾ *Idem*.

⁽⁵⁾ *Idem*, p. 7.

⁽⁶⁾ CUNHA, A. Xavier da — 1982, p. 11.

⁽⁷⁾ TAMAGNINI, E.; SERRA, J. A. — 1942, p. 6.

⁽⁸⁾ CUNHA, A. Xavier da — Lista de publicações, 1982), p. 12; 14, 17, etc.

sem de novo para as componentes culturais da evolução humana, já que se tornou por demais evidente que a cultura interfere a títulos diversos e por mecanismos vários na Biologia do Homem. Já não interessam tanto os fundamentos biológicos da cultura como interessa sobretudo pôr em evidência a influência dos fenómenos culturais no futuro biológico do Homem. Torna-se cada dia mais evidente a ligação entre factores biológicos e factores sócio-culturais na evolução das populações:

«On a montré que les caractéristiques somatiques étaient fonction de facteurs d'endo ou d'exogamie, du lieu de naissance — semblable ou différent — des parents des individus, des effectifs de tel ou tel sous-groupe de la population considérée ... L'étude des changements biologiques au cours du temps (accroissement séculaire de la stature moyenne, précocité plus grande de la parenté, par exemple) a mis en évidence leur liaison avec des paramètres démographiques, sociaux ou sociaux-économiques» (9).

Regressando à definição de Antropologia como ciência do Homem total, os antropólogos de hoje não deixam de marcar as diferenças entre Antropologia Física e Antropologia Cultural e as subdivisões de cada um destes dois grandes ramos da Antropologia. A Antropologia Física continua a estudar, quer o grupo humano no seu todo enquanto distinto dos Primatas não-humanos quer os diferentes grupos humanos enquanto distintos uns dos outros, bem como a influência do meio nesse processo de diferenciação. Por sua vez a Antropologia Cultural continua a estudar, igualmente, os grupos humanos e a sua relação com o meio, mas fá-lo pondo em evidência o comportamento biocultural do Homem, isto é, o seu tríplice relacionamento com o meio físico, com os outros homens e com as forças sobrenaturais. De facto não é o comportamento do Homem como espécie que interessa à Antropologia Cultural nem tão pouco o Homem enquanto ser social que tem uma história própria, mas antes a inter-relação entre aquilo que no Homem é biológico e o que é social e histórico.

Este é o aspecto da Antropologia Cultural que interessa particularmente ao programa da Antropologia Geral.

Por outro lado a Antropologia Física vem procurando definir-se de forma pragmática e de acordo com as actuais linhas de investigação como um «conjunto de matérias que dizem respeito à origem do Homem e da sua evolução física e bio-social» (10). Mais recentemente o paradigma socio-biológico veio acentuar mais ainda esta orientação estimulando o estudo das componentes etológica e ecológica da evolução humana (10).

(9) DUCROS, A. — 1979, p. 252.

(10) CHIARELLI, A. B. — Bulletins et mémoires de la Société d'Anthropologie de Paris, 1979.

(11) KATTMANN, U. — 1980.

Enquanto algumas escolas de Antropologia em diferentes países (França, por exemplo) lutam para suprimir ou pelo menos reduzir a divisão que, artificialmente, se foi cavando entre dois ramos do saber antropológico que se complementam, outras instituições mais modernas (muitas das universidades americanas, por exemplo) criaram grandes departamentos de Antropologia em que desde a Antropologia Física à Antropologia Cultural, passando pela Etnologia e Arqueologia, todos os sectores têm lugar.

Curiosamente, em Portugal, não estão ainda devidamente exploradas as potencialidades de instituições que desde a origem tiveram (e têm ainda) juntos os dois ramos da Antropologia que outros procuram, agora, reunir. É o caso dos Institutos de Antropologia de Coimbra e do Porto em que o ensino e, sobretudo, a investigação nunca separaram de todo estes dois ramos da Antropologia.

O ensino da Antropologia Geral, hoje, deveria dinamizar as reais possibilidades desta orientação secular e ao mesmo tempo moderna e inovadora, lançando as bases gerais para outros ramos mais especializados do saber antropológico, nomeadamente as matérias que desde já é possível assegurar no Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra, a saber:

Paleontologia Humana, Genética Humana, Biologia Social, Antropologia Cultural.

Os tópicos programáticos que a seguir se apontam têm em conta a perspectiva que acabamos de esboçar.

II — CONTEÚDO DO PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA GERAL

1. A Antropologia como ciência

- 1.1. Divisão e ciências afins
- 1.2. A integração bio-cultural

Bibliografia:

- AKOUN, dir. — *L'Anthropologie, Dictionnaires du Savoir Moderne*, Centre d'Études et de Promotion de la Lecture, Paris, 1972.
- COMAS, J. — *Manual de Antropologia Física*, Fondo de Cultura Económica, México, 1957.
- HOEBEL, E. Adamson — *Antropologia, el estudio del hombre*, Ediciones Omega, Barcelona, 1973.
- JOHNSTON, F. E.; SELBY, H. — *Anthropology, the biocultural view*, Wm. C. Brown Company Publishers, Yowa, 1978.

2. O meio humano

- 2.1. Polimorfismo do ser vivo
- 2.2. Adaptações e pré-adaptações
- 2.3. Carga genética e polimorfismo natural
 - 2.3.1. A mestiçagem
 - 2.3.2. Endogamia, exogamia e consanguinidade
 - 2.3.3. Urbanização
- 2.4. As «raças» humanas

Bibliografia:

- CHAMLA, M. C. — *Anthropologie biologique*, Que sais-je? P.U.F., 1971.
- CRUZ, J. A. Machado — *Cálculo do coeficiente de endocruzamento ou de consanguinidade aparente de uma população*, Trabalhos do Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Corrêa», Faculdade de Ciências, Porto, n.º 30, 1976.
- GOULD, Stephen Jay — *El equilibrio «puntuado» y el enfoque jerárquico de la macro-evolución*. In: Revista do Occidente, Charles R. Darwin: la evolución y el origen del Hombre, Madrid, 1982.
- GRASSÉ, P. — *A evolução do ser vivo*, Editorial Notícias, 1978.
- OLIVIER, G. — *A ecologia humana*, Interciência Editora, 1979.
- RUFFIÉ, J. — *De la biologie à la culture*, Flammarion, Paris, 1976.
- SUTTER, J.; TABAH, L. — *Structure de la mortalité dans les familles consanguines*, Population, 8, 1953, p. 511-526.
- SUTTER, J. — *Fréquence de l'endogamie et ses facteurs au XIX^e siècle*, Population, 1, 1968, p. 303-324.

3. Hominização

- 3.1. Origem e sistemática dos Primatas
- 3.2. Conteúdo da hominização
- 3.3. Mecânica da hominização
- 3.4. Características do meio humano

Bibliografia:

- AGUIRRE, E.; BIBERSON, P. — *A origem do homem*. Salvat Editora do Brasil, 1979.
- BOULE, M.; VALLOIS, H. V. — *Les hommes fossiles: éléments de paléontologie humaine*, Masson et Cie., Paris, 1952.
- CHIARELLI, B. — *Taxonomic atlas of living Primates*, Academic Press, Londres, 1972.
- CHIARELLI, B. — *Evolution of Primates: an introduction to the biology of Man*, Academic Press, London, 1973.
- COHEN, Y. A. — *Taxonomy of cultural adaptations*, in: «Man in adaptation», Vol. II — The cultural present, p. 40-52. Aldine Atherton, Chicago, 1968.
- FEREMBACH, D. — *Le processus de l'hominisation*, C.N.R.S. Paris, 1981.

- GENET-VARCIN, E. — *À la recherche du primate ancêtre de l'homme. Éléments de Primatologie*. Ed. Boubée et Cie., Paris, 1969.
- JULLIEN, R. — *Les hommes fossiles de la pierre taillée (Paléolithique et Néolithique)*, ed. N. Boubée et Cie., Paris, 1965.
- MONTAGU, A. — *An introduction to physical anthropology*, Charles C. Thomas Publisher, Springfield, 1960.
- PETIT-MAIRE, N. — *Histoire naturelle de l'Homme: le quaternaire*, in: «L'Anthropologie», Dictionnaires du Savoir Moderne, Paris, p. 264-283, 1972.
- PIVETEAU, J. — *Origine et destinée de l'homme*, Masson et Cie., Editeurs, Paris, 1973.
- RUFFIÉ, J. — *Le mutant humain*, in: «L'unité de l'homme», Ed. du Seuil, Paris, p. 107-137, 1974.
- RUFFIÉ, J. — *De la biologie à la culture*, Flammarion, Paris, 1976.
- SANTOS, M. Farinha dos — *Pré-História de Portugal*, Editorial Verbo, Lisboa, 1972.
- VANDERMEERSCH, B. — *La paléontologie humaine*, in: «L'Anthropologie», Dictionnaires du Savoir Moderne, Paris, p. 242-263, 1972.

4. Socialização

- 4.1. Introdução à biologia do comportamento e aprendizagem
- 4.2. O comportamento social
- 4.3. Estruturas sociais: o inato e o adquirido
- 4.4. A etologia humana

Bibliografia:

- CHAUVIN, R. — *A etologia, estudo biológico do comportamento animal*, Ed. A. Ramos, Lisboa, 1977.
- CHEVALIER-SKOLNIKOFF, S. et al. — *Primate bio-social development*, Garland Publishing, Inc., New York, 1977.
- DARWIN, C. — *A origem do Homem e a selecção sexual*, Ed. Hemus, São Paulo, 1974.
- EIBL-EIBESFELDT, I. — *Etologia, introdução al estudio comparado del comportamiento*, Ed. Omega, Barcelona, 1974.
- ETHOLOGIE, Enc. Universalis, Vol. 6, p. 708-714, Paris, 1968.
- GADAMER-VOGLER — *Nova Antropologia*, Vol. 2, Antropologia Biológica, Ed. da Univ. de São Paulo, 1977.
- HINDE, R. A. — *Biological bases of human social behavior*, McGraw Hill, Book Company, New York, 1974.
- PSICOBIOLOGIA, *as bases biológicas do comportamento (Scientific American)*, Livros Técnicos e Científicos, Ed., Rio de Janeiro, 1977.
- ROPARTZ, P. — *L'éthologie humaine*, in: «L'Anthropologie», Dictionnaires du Savoir Moderne, Paris, p. 180-207, 1972.
- RUWET, J. C. — *Etologia, biologia del comportamiento*, Ed. Herder, Barcelona, 1975.
- TAVARES, C. N.; SACARRÃO, G. F. — *Curso de Biologia*, Vol. 2, 3.^a edição, Ed. GEP, Lisboa, 1979.
- WILSON, E. D. — *Sociobiology, the new synthesis*, the Belknap Press, Londres, 1975.

BIBLIOGRAFIA GERAL

- BEALS R. L.; HOIJER, H. — *An introduction to Antropology*, The MacMillan Company, New York, 1959.
- BEALS, K.; BAUGH, T. G. — *Biocultural evolution, a yorkbook for physical anthropology and archaeology*, Burgess Publishing Company, Minnesota, U.S.A., 1978.
- BUETTNER-JANUSCH, John — *Physical anthropology, a perspective*, Wiley and Sons, Inc., New York, 1973.
- CAMPBELL, B. — *Human evolution: an introduction to man's adaptation*, Aldine Publishing Company, Chicago, 1966.
- COHEN, Y. A. — *Man in adaptation*, Aldine Atherton, Chicago, 1968-1971.
 Vol. I — *The biosocial background (1968)*
 Vol. II — *The cultural present (1968)*
 Vol. III — *The institutional framework (1971)*
- DOBZHANSKY, T. — *O Homem em evolução*, Editora Polígono, São Paulo, 1968.
- GADAMER, H. G.; VOGLER, P. — *Nova Antropologia*, E.D.U.S.P., São Paulo, 1977.
 Antropologia biológica I
 Antropologia biológica II
- HARRISON, G. A. et al. — *Biologia Humana. Introdução à evolução, variação e crescimento humanos*, Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1971.
- HUNTER, D. E.; WHITTEN, P. — *Encyclopedia of Anthropology*, Harper and Row, Publishers, Inc. New York, 1976.
- HUNTER, D. E.; WHITTEN, P. — *The study of Anthropology*, Harper and Row, Publishers, Inc., New York, 1976.
- JACQUARD, A. — *O elogio da diferença: a genética e os homens*, Publicações Europa-América, Lisboa, 1978.
- MONTAGU, A. — *Introdução à Antropologia*, Editora Cultrix, São Paulo, 1969.

III — MÉTODOS DE ENSINO

1. A cadeira de Antropologia Geral insere-se no *currículum* do curso de Biologia sendo o único ensino obrigatório na área de Antropologia. Esta situação não pode deixar de se repercutir na filosofia do plano de estudos e na escolha das matérias a ensinar a alunos que serão, na grande maioria, professores de Biologia no ensino secundário e a quem caberá dar a rubrica relativa ao «aparecimento e evolução da espécie humana», prevista no programa de Biologia do 12.º ano de escolaridade (Rubrica n.º 8).

Apesar do espaço relativamente modesto que esta rubrica comporta no conjunto do programa, não deixa este de ser suficientemente minucioso como se depreende do simples enunciar da sua rubrica programática (a), dos objectivos a atingir (b) e dos termos e conceitos que o aluno deve apreender (c):

(a) Rubrica programática

8. Aparecimento e evolução da Espécie Humana.

8.1. Posição sistemática da Família dos Hominídeos na Classe dos Mamíferos.

- 8.2. Tendências evolutivas dos Primatas.
- 8.3. As primeiras fases da evolução dos Hominídeos.
 — Posição sistemática duvidosa de algumas formas (*Apidium*, *Parapithecus*, *Proconsul*).
 — O *Ramapithecus* como provável ancestral directo do *Homo sapiens*.
- 8.4. As principais fases da evolução dos Hominídeos.
 — *Australopithecus*.
 — *Homo erectus*.
 — *Homo sapiens*.
 Homo sapiens neanderthalensis
 Homo sapiens sapiens.
- 8.5. Modificações em populações humanas
 — Variação da frequência genética de diferentes grupos sanguíneos.
 — As «raças» humanas.
 — O futuro da espécie humana.

(b) Objectivos

Após o estudo desta rubrica o aluno deve ser capaz de:

- localizar no espaço e no tempo a Família dos Hominídeos que, actualmente é representada pela nossa espécie.
- dar exemplos de seres vivos representativos das principais famílias da ordem dos Primatas.
- interpretar índices morfológicos e culturais de hominização, seriando-os numa perspectiva evolutiva.
- reconhecer que as sucessivas descobertas de Paleontologia humana impedem o estabelecimento de esquemas filogenéticos definitivos.
- aplicar à espécie humana os conceitos adquiridos sobre genética das populações e especiação.
- aperceber-se do papel do Homem na sua própria evolução.

(c) Termos e conceitos

Primatas
 Hominídeos
 Pongídeos
 Vida arborícola
 Cefalização
 Locomoção
 Posição vertical
 Prognatismo
Ramapithecus
Australopithecus

Homo erectus
Homo sapiens
Indústria lítica
Evolução anatómica
Evolução cultural.
Engenharia biológica
Engenharia genética.

As exigências desta cadeira relativamente ao programa do ensino secundário impõem pois, que parte importante do conteúdo do curso seja voltada para o estudo da origem e evolução do Homem. O problema da hominização é assim abordado em diferentes perspectivas após uma necessária e desenvolvida introdução ao grupo dos Primatas.

Uma vez introduzido no contexto que tornou viável o processo da hominização, é o aluno capaz de redefinir com mais rigor o que especifica e particulariza o meio humano, nomeadamente na sua dimensão social e psíquica (descoberta do fogo, fabrico de armas, proto-linguagem, etc).

2. A orientação geral do programa visa à familiarização gradual com conceitos necessários à correcta utilização dos textos seleccionados e referidos na bibliografia apresentada para cada capítulo do programa.

Partindo, quanto possível, dos conhecimentos adquiridos nas cadeiras de Biologia Geral, nomeadamente nas de Evolução, Genética e Ecologia, procura-se levar o aluno à aplicação concreta desses conceitos no âmbito da evolução do Homem, introduzindo de forma imediata a problemática da evolução e da adaptação humanas. A abordagem de fenómenos concretos quantificáveis, o estudo da mestiçagem, da consanguinidade e da urbanização são as formas escolhidas, entre outras, para a introdução a esse tema.

3. Uma vez caracterizado o meio humano e estudado com algum pormenor o processo de hominização, já o aluno está apto, igualmente, a definir o comportamento social do Homem e o seu valor adaptativo. É, então, oportuno introduzir alguns conceitos de biologia do comportamento humano, nomeadamente os relativos a mecanismos de comportamentos inatos e adquiridos e familiarizá-lo com algumas das actuais descobertas de comportamentos inatos na espécie humana (dados da etologia humana), principalmente em crianças prematuras.

4. Nesta fase, e estando o aluno já minimamente informado sobre os temas do programa, pode ele, de acordo com as suas próprias preferências e possibilidades, escolher o tema de uma pequena monografia que o leve a uma recolha de dados ou no vivo (trabalho de campo) ou nas colecções do Museu. O retomar

desta velha tradição da cadeira de Antropologia (já praticada em fins do século XIX) justifica-se por duas ordens de razões:

- 1 — O aluno deve ser colocado em confronto com a realidade que estuda, isto é, com uma população humana que tem uma história biológica, seja ela uma população residente numa aldeia ou uma população representada por um conjunto de crânios ou esqueletos das colecções do Museu.
- 2 — É no estudo da população real que se torna evidente a interacção entre o biológico e o social e que esta disciplina atinge o grau desejável de interdisciplinaridade que lhe é própria.

5. O programa prático tem por objectivo a iniciação às técnicas de medidas e tratamento de dados, mas não pode substituir a aplicação nem de umas nem de outras ao caso concreto da população estudada. Assim, as aulas práticas iniciam o aluno em técnicas com vista a uma posterior aplicação no trabalho elaborado pelo próprio aluno.

6. Finalmente, tanto os conceitos teóricos como as técnicas ensinadas são testadas na forma como o aluno as aplica ao trabalho que será discutido em prova oral, depois de detalhadamente observado por dois docentes.

Este elemento (trabalho pessoal ou monografia) toma, assim, um particular valor de síntese na avaliação de conhecimentos, quer relativamente às técnicas apreendidas nas aulas práticas quer aos conceitos desenvolvidos nas aulas teóricas.

BIBLIOGRAFIA

1968 — *Anthropologie*, Encyclopædia Universalis, France, Vol. 2.

CHIARELLI, A. B., 1979 — *Pour une définition pratique de l'Anthropologie dans les universités européennes*. «Bulletins et mémoires de la Société d'Anthropologie de Paris», 7(2), p. 227-229.

CUNHA, A. Xavier da, 1982 — *Contribution à l'histoire de l'Anthropologie Physique au Portugal*. «Contribuições para o Estudo da Antropologia Portuguesa», 11(1).

DUCROS, A., 1979 — *Anthropologie Biologique Humaine*, in: «Situation actuelle et avenir de l'Anthropologie en France — Colloques Internationaux du C.N.R.S.», Paris, n.º 573, p. 251-263.

KATTMANN, U., 1980 — *Anthropologie im Unterricht — Anthropology in biology teaching*. «Homo», 31, p. 53-58.

TAMAGNINI, E.; SERRA, J. A., 1942 — *Subsídios para a História da Antropologia Portuguesa*, Coimbra.